

Clima tranquilo da audiência não evita momentos de tensão no Senado

Mercadante defende nova meta de inflação e bate boca com Ramez Tebet

Martha Beck, Lydia Medeiros e Valderez Caetano

• BRASÍLIA. A audiência pública realizada ontem na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado para ouvir o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, foi marcada pela serenidade, mas não deixou de ter seus momentos de tensão. O maior desentendimento envolveu justamente o líder do governo, Aloizio Mercadante (PT-SP), e o presidente da CAE, Ramez Tebet (PMDB-MS).

Mercadante defendeu que a meta de inflação de 5,5% deste ano, prevista para ser reduzida em 2005 e em 2006, seja mantida nos próximos anos, alegando que vários economistas mostram que um percentual abaixo deste poderia comprometer o crescimento.

Tebet resolveu brincar com o líder do governo:

— O senador falou com tanta propriedade da economia que parece estar se candidatando ao cargo (de ministro).

Mercadante não gostou da piada e respondeu:

— Sou um senador eleito, estou exercendo meu mandato e dele eu não abro mão.

Palocci não se envolveu na polêmica. Disse só que o debate deve ser feito por ser parte do processo de construção da estabilidade macroeconômica. Mas destacou que o tema diz respeito ao Banco Central, que tem atuado com autonomia e



MERCADANTE (em pé), com os senadores Arthur Virgílio e Agripino Maia

competência técnica:

— É importante não dar ao debate sobre metas de inflação um espaço maior ou menor do que ele merece.

O líder do governo também foi provocado pelo líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM). O tucano, que na semana passada disse ter tomado uma "sopinha calmante" dada por Mercadante, afirmou que também havia tomado a sopinha ontem. E foi além: levou ainda um ovo de Páscoa de presente para Mercadante.

Virgílio, que foi o último dos senadores a fazer perguntas, poupou Palocci, mas alfinetou parlamentares governistas.

— Fiquei em último na lista de perguntas para defender o senhor de algum ataque pétista — provocou o tucano.

PFL: Palocci foi competente, mas não convenceu

O tucano afirmou que cálculos feitos pelo PSDB mostraram que a carga tributária caiu de 35,6% do PIB em 2002 para 35,5% do PIB em 2003, mas que as estimativas para 2004 já estão em 36,2%.

Palocci foi irônico:

— Queria cumprimentar o senador porque eu teria que provar aqui que não houve aumento de carga tributária no ano passado. Agradeço o fato

de o PSDB ter feito isso.

Aliado circunstancial do governo, o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) disse que o ministro se saiu bem, pela habilidade, esforço e dedicação. Mas não conseguiu convencê-lo acerca da política de juros. O líder do PFL, Agripino Maia (RN), afirmou que Palocci fez uma exposição clássica e competente do ponto de vista técnico, mas sem efeitos práticos para o governo. Segundo ele, o ministro deixou perguntas sem resposta, como se o governo pretende baixar a carga tributária para permitir a formação de capital capaz de gerar empregos.

— Esse é um governo com muitas correntes de pensamento e muitos conflitos. O ministro é o intérprete de uma dessas correntes, que não sei se é a majoritária. Por isso creio que não tenha ousado responder de forma pragmática — observou Agripino.

No PT, o discurso foi amplamente elogiado. Para o senador Tião Viana, o ministro está tão sinceramente convencido de que o país está no caminho correto, que se torna difícil combatê-lo. O senador Eduardo Suplicy (PT-SP) afirmou que o ministro mostrou preocupação não apenas com a estabilidade dos preços, mas com condições que permitam cada vez mais um crescimento mais acelerado da economia e criem empregos. ■

Ailton de Freitas